

BESTSELLER DO
NEW YORK TIMES

JENNY HAN

Finalista do
Goodreads Choice Awards
Melhor Romance Young Adult

P.S.
Ainda
te
amo



TOP
SEL
LER

Da autora do irresistível
A TODOS OS RAPAZES QUE AMEI

*Para o Logan.
Acabo de te conhecer e já te amo.*

«Ela estava contente por a casa confortável, e o Pai e a Mãe
e a luz da lareira e a música, serem agora.
Não podiam ser esquecidos, pensava ela, porque agora é agora.
Nunca podia ser há muito tempo.»

LAURA INGALLS WILDER, *Uma Casa na Grande Floresta*

«O tempo é a mais longa distância entre dois lugares.»

TENNESSEE WILLIAMS, *Jardim Zoológico de Cristal*

Querido Peter,

Tenho saudades tuas. Passaram apenas cinco dias, mas sinto a tua falta como se tivessem passado cinco anos. Talvez porque não sei se o nosso caso acaba aqui ou se algum dia voltaremos a falar. Quer dizer, tenho a certeza de que vamos dizer olá na aula de química, ou nos corredores, mas irá algum dia ser como dantes? É isso que me deixa triste. Sentia que te podia dizer tudo. Acho que tu sentias o mesmo. Espero que sentisses.

Por isso, vou dizer-te tudo agora, enquanto ainda me sinto com coragem. O que aconteceu entre nós no jacuzzi assustou-me. Sei que foi apenas mais um dia na vida do Peter para ti, mas para mim significou muito mais e foi isso que me assustou. Não só o que as pessoas andavam a falar sobre isso, sobre mim, mas que tivesse acontecido. Como foi fácil, o quanto gostei. Fiquei com medo e descarreguei em ti. Peço-te desculpa por isso.

E, no recital, desculpa por não te ter defendido perante o Josh. Devia tê-lo feito. Sei que to devia. Devia-te isso e mais. Ainda não acredito que vieste, e que trouxeste aqueles bolinhos de fruta. A propósito, estavas muito giro com aquela camisola. Não estou a dizer isto para te dar graxa. Estou a falar a sério.

Às vezes, gosto tanto de ti que não aguento. O sentimento cresce com tanta força dentro de mim que até parece que vou rebentar. Gosto tanto de ti que não sei o que fazer com isso. O meu coração dispara quando sei que te vou ver outra vez. E depois, quando olhas para mim daquela maneira que tu sabes, sinto-me a mulher mais sortuda do mundo.

As coisas que o Josh disse acerca de ti não eram verdade. Tu não me diminuístes. Pelo contrário: fizeste-me desabrochar. Deste-me a minha primeira história de amor, Peter. Por favor, não a deixes acabar tão cedo.

*Beijos,
Lara Jean*

capítulo 1

A KITTY TEM-SE QUEIXADO DURANTE TODA a manhã, e desconfio que tanto a Margot como o papá estão com a habitual ressaca do dia a seguir à Passagem de Ano. E eu? Tenho corações nos olhos e uma carta que está a queimar-me o bolso do casaco.

Enquanto calçamos os sapatos, a Kitty continua a tentar livrar-se de usar o *hanbok*¹ para ir a casa da tia Carrie e do tio Victor.

— Olha para as mangas! Ficam-me a três quartos!

De forma pouco convincente, o papá diz:

— É assim que devem ser.

A Kitty aponta para mim e para a Margot.

— Então porque é que os delas estão à medida? — pergunta ela.

A nossa avó comprou-nos o *hanbok* na última vez que esteve na Coreia. O *hanbok* da Margot tem um casaco amarelo e uma saia verde-maçã. O meu é cor-de-rosa choque com um casaco branco-marfim e um longo laço cor-de-rosa choque com flores bordadas à frente. A saia é rodada, cheia como um sino, e vai até ao chão. Ao contrário do da Kitty que lhe dá pelos tornozelos.

— Não temos culpa de cresceres como uma erva daninha — disse eu, às voltas com o meu laço. O laço é a coisa mais difícil de fazer como deve ser. Tive de ver um vídeo no *YouTube* várias vezes para perceber como se fazia e mesmo assim continua a parecer torto e tristonho.

— E a saia também me fica curta — resmunga, levantando a parte de baixo.

A verdade é que a Kitty detesta usar *hanbok* porque tem de se andar com delicadeza e fechar a saia com uma mão senão abre-se.

— Todas as outras primas vão usá-los e a avó vai ficar feliz — diz o papá, massajando as têmporas. — Assunto encerrado.

No carro, a Kitty não para de dizer:

¹ *Hanbok* — Traje tradicional sul-coreano [N. do E.]

— Detesto o Dia de Ano Novo — o que põe toda a gente de mau humor, menos a mim. A Margot já estava um pouco de mau humor porque teve de se levantar ao romper do dia para chegar a casa a tempo, uma vez que passou a noite na cabana de uma amiga. Também há a questão da possível ressaca. Mas nada conseguiria estragar o meu bom humor, porque nem sequer estou neste carro. Estou noutra sítio completamente diferente, pensando na minha carta para o Peter, questionando-me se será suficientemente profunda, e como e quando lha vou dar, e o que ele vai dizer, e o que significará. Será que a devo meter na caixa do correio? Deixá-la no cacifo dele? Quando o vir outra vez, será que ele me vai sorrir, dizer uma piada acerca dela para aligeirar o ambiente? Ou será que vai fingir que não a leu, para nos poupar a ambos? Acho que isso seria o pior. Tenho de me lembrar constantemente de que, apesar de tudo, o Peter é bondoso e descontraído e não vai ser cruel, aconteça o que acontecer. Disso posso ter a certeza.

— Em que pensas tanto? — pergunta-me a Kitty.

Mal a oiço.

— Estás aí?

Fecho os olhos, fingindo estar a dormir, e só vejo a cara do Peter. Não sei exatamente o que quero dele, aquilo para que estou preparada — se quero um namoro a sério, ou se prefiro o que tínhamos antes, só divertimento e alguns beijos ocasionais, ou se um pouco das duas coisas, mas o que sei é que não consigo tirá-lo da cabeça. A maneira como sorri quando diz o meu nome, como por vezes me esqueço de respirar quando está junto de mim.

Claro que quando chegamos a casa da tia Carrie e do tio Victor, nenhuma das outras primas traz *hanboks* vestidos, e a Kitty fica praticamente roxa com o esforço que faz para não gritar com o papá. A Margot e eu também o olhamos de lado. Não se pode dizer que seja confortável estar sentada com um *hanbok* todo o dia. Mas a avó dá-me um sorriso de aprovação e eu sinto-me compensada.

Ao tirarmos os sapatos e casacos à entrada, sussurro à Kitty:

— Pode ser que os adultos nos deem mais dinheiro por nos termos apertado todas.

— Vocês estão tão bonitas — disse a Tia Carrie ao abraçar-nos.

— A Haven recusou-se a usar o dela!

A Haven revira os olhos à mãe.

— Gosto do teu corte de cabelo — diz ela à Margot.

A Haven e eu temos apenas alguns meses de diferença, mas ela pensa que é muito mais velha do que eu, razão pela qual está sempre a tentar criar empatia com a Margot.

Fazemos as vénias todas, para ficarmos despachadas. Na cultura coreana, faz-se uma vénia aos mais velhos no Dia de Ano Novo e deseja-se-lhes sorte para o novo ano, e eles, por sua vez, dão-nos dinheiro. A ordem é dos mais velhos para os mais novos, por isso, como a adulta mais velha, a avó senta-se no sofá primeiro, e a tia Carrie e o tio Victor fazem a vénia primeiro, depois o papá, e de seguida todos repetem o gesto até à Kitty, que é a mais nova. Quando chega a vez de o papá se sentar no sofá e receber as suas vénias, há um lugar vazio ao lado dele como tem acontecido todos os Dias de Ano Novo desde que a mamã morreu. Dá-me uma sensação dolorosa no peito vê-lo sentado ali sozinho, sorrindo alegremente, entregando notas de dez dólares. O olhar da avó cruza-se com o meu de forma intencional e eu sei que está a pensar no mesmo que eu. Quando chega a minha vez de fazer a vénia, ajoelho-me, com as mãos sobrepostas na testa, e faço a promessa a mim mesma de que não vou ver o papá sozinho naquele sofá outra vez no próximo ano.

Recebemos dez dólares da tia Carrie e do tio Victor, dez do papá, dez da tia Min e do tio Sam, que não são verdadeiramente nossos tios mas segundos primos (ou serão primos em segundo grau? De qualquer maneira, são primos da minha mamã), e 20 da avó! Não recebemos mais por usarmos *hanboks*, mas bem vistas as coisas, foi uma boa maquia. No ano passado as tias e tios só deram cinco dólares cada.

Depois comemos sopa de arroz para dar sorte. A tia Carrie também fez bolos de feijão-frade e insiste que provemos pelo menos um, embora ninguém esteja para aí virado. Os gémeos Harry e Leon — nossos terceiros primos? Primos em terceiro grau? — recusam-se a comer a sopa e os bolos de feijão frade e estão a comer panadinhos de frango na sala de televisão. Não há lugares suficientes à mesa de jantar, por isso a Kitty e eu comemos na ilha da cozinha, sentadas em bancos altos. Ouvimos toda a gente a rir do outro lado.

Quando começo a comer a minha sopa, peço um desejo. *Desejo por tudo que as coisas entre mim e o Peter deem certo.*

— Porque é que eu tenho uma tigela de sopa mais pequena do que todos os outros? — sussurra-me a Kitty.

— Porque és a mais pequena.

— Porque é que não nos deram uma tigela de *kimchi*?

— Porque a tia Carrie acha que não gostamos por não sermos completamente coreanas.

— Vai pedir um pouco — sussurra a Kitty.
E é isso que faço, mas principalmente porque também quero.

Enquanto os adultos bebem café, a Margot, a Haven e eu vamos para cima, para o quarto da Haven, e a Kitty vem atrás. Geralmente ela brinca com os gémeos, mas desta vez, pega no *yorkshire terrier* da tia Carrie, o *Smitty*, e segue-nos para o andar de cima como uma das raparigas.

A Haven tem pósteres de bandas de rock independente nas paredes; da maior parte nunca ouvi falar. Está sempre a trocá-los. Há um novo, dos Belle and Sebastian, impresso numa textura tipo ganga.

— Este é fixe — digo eu.

— Estava prestes a trocá-lo por outro — diz a Haven. — Podes ficar com ele se quiseres.

— Deixa lá — digo-lhe eu. Sei que só está a oferecê-lo para se sentir superior a mim, como é costume dela.

— Levo-o eu — diz a Kitty. A cara da Haven parece mostrar desacordo por um momento, mas a Kitty já está a tirá-lo da parede. — Obrigada, Haven.

A Margot e eu olhamos uma para a outra e tentamos não sorrir. A Haven nunca teve muita paciência para a Kitty e o sentimento é claramente recíproco.

— Margot, já foste a algum concerto desde que vieste da Escócia? — pergunta a Haven. Deixa-se cair sobre a cama e abre o portátil.

— Nem por isso — diz a Margot. — Tenho andado demasiado ocupada com a escola.

A Margot não é muito de ouvir música ao vivo, seja como for. Está a olhar para o telemóvel; a saia do *hanbok* está aberta à sua volta como se fosse um leque. É a única de nós, da família Song, que continua totalmente vestida. Eu já tirei o casaco, por isso, só estou com a combinação e a saia, e a Kitty já tirou o casaco e a saia e só traz uma camisola interior e uns calções curtos.

Sento-me na cama ao lado da Haven para ela me mostrar fotografias das férias deles nas Bermudas no *Instagram*. Ao passar as imagens, aparece uma foto do passeio à neve. A Haven faz parte da Charlottesville Youth Orchestra, por isso conhece pessoas de muitas escolas diferentes, incluindo da minha.

Não consigo conter um suspiro quando vejo uma fotografia de alguns de nós no autocarro na última manhã dessa viagem. O Peter tem o braço por cima dos meus ombros e está a sussurrar-me qualquer coisa ao ouvido. Quem me dera lembrar-me do que era.

Todas ficam surpreendidas. A Haven levanta os olhos e diz:

— Ah, olha, esta és tu, Lara Jean. De onde é esta fotografia?

— Da viagem à neve da escola.

— É o teu namorado? — pergunta-me a Haven, e vê-se que está impressionada e a tentar não demonstrar. Gostava de poder dizer que sim. Mas...

A Kitty vem rapidamente para junto de nós e espreita por cima dos nossos ombros.

— É, e é o rapaz mais *sexy* que verás na tua vida, Haven — diz ela num tom de desafio. A Margot, que está de volta do telemóvel, levanta os olhos e ri-se baixinho.

— Bom, não é bem assim — corrijo. Quer dizer, ele é o tipo mais *sexy* que eu jamais verei na *minha* vida, mas não sei que tipo de gente é que há na escola da Haven.

— Não, a Kitty tem razão, é mesmo *sexy* — admite a Haven. — Como é que o apanhaste? Sem ofensa. Só pensei que eras do tipo que não sai com rapazes.

Franzo o sobrolho. Do tipo que não sai com rapazes? Que tipo é esse? Um cogumelozinho que fica sentado em casa num quarto às escuras a criar musgo?

— A Lara Jean sai com imensos rapazes — diz a Margot lealmente.

Coro. Nunca saio com rapazes e o Peter quase não conta, mas agradeço a mentira.

— Como se chama? — pergunta-me a Haven.

— Peter. Peter Kavinsky. — Até dizer o nome dele é um prazer revisitado, saboroso, como um pedaço de chocolate que se me dissolve na língua.

— *Oh* — diz ela. — Pensei que ele namorava com aquela loira bonita. Como é que se chama? Jenna? Vocês não eram as melhores amigas quando eram pequenas?

Sinto um baque no coração.

— O nome dela é Genevieve. Éramos amigas, mas já não somos. E ela e o Peter acabaram já há uns tempos.

— Então há quanto tempo é que tu e o Peter estão juntos? — pergunta-me a Haven. Tem uma expressão ambígua no olhar, como se acreditasse em mim 90 por cento, mas houvesse aqueles persistentes 10 por cento que têm dúvidas.

— Começámos a sair em setembro. — E isto é totalmente verdade. — Não estamos juntos neste momento; estamos a dar um tempo... Mas estou otimista.

A Kitty espeta-me o dedo na face e faz-me uma covinha com o dedo mindinho.

— Estás a sorrir — diz ela, e sorri também. Aconchega-se a mim. — Faz as pazes com ele hoje, está bem? Quero o Peter de volta.

— Não é assim tão simples — digo eu, embora talvez pudesse ser.

— Claro que é simples. Ele ainda gosta muito de ti. É só dizeres-lhe que também gostas dele e pronto. Ficam juntos outra vez e vai ser como se nunca o tivesses expulsado da nossa casa.

Os olhos da Haven arregalam-se ainda mais.

— Lara Jean, foste *tu* que rompeste com *ele*?

— Céus, será que é assim tão difícil de acreditar? — semicerro-lhe os olhos, e a Haven abre e depois, sensatamente, fecha a boca.

Olha novamente para a fotografia do Peter. Depois levanta-se para ir à casa de banho, e ao fechar a porta, diz:

— O que sei é que se esse rapaz fosse meu namorado, nunca o deixaria escapar.

Todo o meu corpo se arrepia quando ela diz estas palavras.

Houve tempos em que pensava exatamente o mesmo sobre o Josh, e olhem para mim agora: é como se tivessem passado um milhão de anos e ele é apenas uma recordação para mim. Não quero que seja assim com o Peter. Que sentimentos passados se tornem tão distantes que, mesmo quando nos esforçamos muito, mal conseguimos distinguir a cara dele quando fechamos os olhos. Aconteça o que acontecer, quero sempre lembrar-me da cara dele.

Quando chega a hora de ir embora, visto o casaco e a carta do Peter cai-me do bolso. A Margot apanha-a.

— Outra carta?

Coro e apresso-me a dizer:

— Ainda não decidi quando lha vou dar, se lha deixo na caixa do correio ou se lha envio pelo correio. Ou cara a cara? O que achas, Gogo?

— Devias simplesmente falar com ele — diz a Margot. — Vai já. O papá deixa-te lá. Vai a casa dele, dá-lhe a carta e depois logo vêes o que ele diz.

O meu coração dispara com o pensamento. Já? Ir lá sem mais nem menos, sem telefonar primeiro, sem um plano?

— Não sei — corto. — Sinto que devo pensar melhor.

A Margot abre a boca para responder, mas, nesse momento, a Kitty surge por trás de nós e diz:

— Já chega de cartas. Vai e trá-lo de volta.

— Não deixes que seja demasiado tarde — diz a Margot, e sei que não se refere só ao Peter e a mim.

Tenho andado com cuidado à volta do assunto do Josh por causa de tudo o que aconteceu connosco. Quer dizer, a Margot perdoou-me, mas convém não fazer ondas. Por isso, nos últimos dias, tenho-a apoiado em silêncio e espero que seja o suficiente. Mas a Margot parte novamente para a Escócia dentro de menos de uma semana. A ideia de ela se ir embora sem, pelo menos, falar com o Josh não me parece bem. Somos todos amigos há muito tempo. Sei que as coisas entre mim e o Josh vão ficar bem, porque somos vizinhos, e é isso que acontece com as pessoas que se veem muitas vezes. As coisas ficam bem, quase por si só. Mas não será assim com a Margot e o Josh, com ela tão longe. Se não falarem agora, com o tempo a ferida vai endurecer, calcificar e depois serão como estranhos que nunca se amaram, o que é o mais triste de tudo.

Enquanto a Kitty calça as botas, eu sussurro para a Margot:

— Se eu falar com o Peter, tu devias falar com o Josh. Não voltes para a Escócia deixando as coisas com ele assim.

— Vamos ver — diz ela, mas vejo a esperança que se acende nos seus olhos e isso dá-me esperança também.

capítulo 2

A MARGOT E A KITTY ESTÃO A DORMIR no banco de trás. A Kitty tem a cabeça no colo da Margot; a Margot está a dormir com a cabeça inclinada para trás e a boca aberta. Estão tão tranquilas, ao contrário do meu coração, num tropel só de antecipar aquilo que estou prestes a fazer.

Vou fazê-lo agora, esta mesma noite. Antes de voltarmos para a escola, antes de tudo voltar ao seu ritmo normal e o Peter e eu não sermos nada senão uma recordação. Como globos de neve: abanam-se e por instantes fica tudo de pernas para o ar e há brilho por todo o lado, magia — mas depois tudo assenta e as coisas voltam ao seu lugar. As coisas tendem a acomodar-se. Não posso voltar atrás.

Controlo o tempo de maneira a que estejamos a um semáforo do bairro do Peter quando peço ao papá que me deixe lá. Ele deve aperceber-se da intensidade na minha voz, a *necessidade*, porque não faz perguntas, apenas diz que sim.

Quando paramos em frente da casa do Peter, as luzes estão acesas e o carro dele está na rampa de acesso, tal como a carrinha da mãe. O Sol está a começar a pôr-se, apesar de ainda ser cedo, uma vez que estamos no inverno. Do outro lado da rua, os vizinhos do Peter ainda têm as luzes de Natal acesas. Hoje é provavelmente o último dia em que isso acontece, visto que é um novo ano. Novo ano, novo começo.

Sinto as veias dos pulsos a latejar e estou muito nervosa. Saio do carro a correr e toco à campainha. Quando oiço os passos lá dentro, faço sinal ao papá para se ir embora, e ele faz marcha atrás na rampa de acesso. A Kitty já está acordada, e tem a cara colada ao vidro de trás, sorrindo muito. Vira-me o polegar para cima e eu digo-lhe adeus.

O Peter abre a porta. O coração salta-me no peito como pipocas na panela. Está com uma camisa que nunca lhe vi, de xadrez. Deve ter sido um presente de Natal. O cabelo está desgrenhado em cima, dando ares de ter estado deitado. Não parece muito surpreendido por me ver.

— Olá. — Olha para a minha saia, que aparece por baixo do casaco de inverno como um vestido de noite. — Porque estás toda produzida?

— É para o Dia de Ano Novo. — Talvez eu devesse ter ido a casa mudar de roupa primeiro. Pelo menos assim ia sentir-me mais eu própria, aqui à porta deste rapaz, com a humildade que a situação exige. — E que tal, como foi o teu Natal?

— Foi bom. — Fala devagar, e leva uns penosos quatro segundos até perguntar: — E como foi o teu?

— Ótimo. Temos um cachorrinho novo. O nome é *Jamie Fox-Pickle*. — Nem sinais de um sorriso do Peter. Ele está frio; não esperava que estivesse frio. Talvez nem esteja frio. Talvez apenas indiferente. — Posso falar contigo um minuto?

O Peter encolhe os ombros, o que parece ser um sim, mas não me convida a entrar. Dá-me um súbito arrepio no estômago ao pensar que a Genevieve possa estar lá dentro — que rapidamente se dissipa quando me lembro que, se estivesse lá dentro, ele não estaria aqui fora comigo. Deixa a porta escancarada enquanto calça umas sapatilhas e veste o casaco, e depois vem para o alpendre. Fecha a porta e senta-se nas escadas. Sento-me ao lado dele, alisando a saia à minha volta.

— Então, o que se passa? — diz ele como se eu estivesse a ocupar-lhe o seu precioso tempo.

Qualquer coisa não está bem. Não é nada do que eu esperava.

Mas o que esperava eu exatamente do Peter? Eu ia dar-lhe a carta, e ele ia lê-la e depois ia amar-me? Ia abraçar-me; íamos beijar-nos apaixonadamente, mas só beijos, tudo inocente. E depois? Namorávamos? Quanto tempo levaria até que ele se fartasse de mim e sentisse a falta da Genevieve, querendo mais do que eu estava preparada para dar, em termos de cama e também simplesmente da vida? Uma pessoa como ele nunca ficaria satisfeito ficando em casa a ver um filme no sofá. Afinal estamos a falar do Peter Kavinsky.

Passo tanto tempo absorvida no meu devaneio que ele me interpela novamente, mas desta feita com um pouco menos de frieza:

— O que se passa, Lara Jean?

Olha para mim como se estivesse à espera de alguma coisa e, de repente, tenho medo de lha dar.

Aperto a mão à volta da carta e meto-a no bolso do meu casaco. As minhas mãos estão geladas. Não tenho luvas nem chapéu; talvez devesse ir para casa.

— Só te vim dizer que lamento a maneira como as coisas acabaram por acontecer. E que... espero que ainda possamos ser amigos, e feliz Ano Novo.

Os olhos semicerram-se-lhe quando digo isto.

— Feliz Ano Novo? — repete ele. — Foi isso que vieste cá dizer? Que lamentas e *feliz Ano Novo*?

— E que espero que continuemos a ser amigos — acrescento eu, mordendo o lábio.

— Tu esperas que continuemos amigos — repete ele, e há um tom de sarcasmo na sua voz que não compreendo e de que não gosto.

— Foi isso que eu disse. — Começo a levantar-me. Esperava que ele me levasse a casa, mas agora não quero pedir-lho. Mas está muito frio cá fora. Talvez se lhe der um toque... Soprando nas mãos, digo: — Bem, vou-me embora para casa.

— Espera aí. Vamos voltar à parte em que pedes desculpa. Pedes desculpa porquê, exatamente? Por me pores fora da tua casa ou por pensares que sou um monte de esterco que ia andar por aí a dizer às pessoas que tivemos sexo quando não tivemos?

Fico com um nó na garganta. Pondo as coisas desta maneira, soa pessimamente.

— Pelas duas coisas. Peço desculpa pelas duas coisas.

O Peter inclina a cabeça para o lado, com as sobrancelhas levantadas.

— E que mais?

Eriço-me. *Que mais?*

— Não há «mais». É só isso.

Ainda bem que não lhe dei a carta, se é assim que ele se vai comportar. Não sou a única com coisas pelas quais deva pedir desculpa.

— Tu é que vieste aqui a dizer «lamento» e «vamos ser amigos». Mas não vais obrigar-me a aceitar as tuas meias desculpas.

— Bom, seja como for desejo-te um feliz Ano Novo. — Agora sou eu que estou a ser sarcástica, e a verdade é que me dá alguma satisfação.

— Tem uma vida boa. Bons velhos tempos e tudo isso.

— Muito bem. Adeus.

Viro-me para ir embora. Estava tão esperançada esta manhã. Os meus olhos brilhavam de imaginar como tudo isto ia correr. Céus, que parvo que o Peter é. Ainda bem que isto fica por aqui.

— Espera.

O coração salta-me de esperança como o *Jamie Fox-Pickle* salta para a minha cama — rápido e sem ser convidado. Mas volto a virar-me, estilo *O que foi agora*, por isso ele não vê.

— O que tens aí amarrotado no bolso?

A mão voa-me para o bolso.

— Isto? Oh, não é nada. É só publicidade não-endereçada. Estava no chão junto da tua caixa do correio. Não te preocupes. Vou pô-la na reciclagem por ti.

— Dá-ma que eu reciclo-a já — diz ele estendendo a mão.

— Não, eu disse que o fazia. — Levo a mão ao bolso para empurrar a carta mais para o fundo do bolso do casaco e o Peter tenta tirar-ma da mão. Tiro-lha violentamente, retorcendo-a e agarro-a com força. Ele encolhe os ombros, e eu relaxo e solto um pequeno suspiro de alívio. É então que ele se estica, arrancando-ma das mãos.

— Devolve-ma, Peter! — exijo.

Despreocupadamente, diz:

— Mexer em correio alheio é um crime federal nos Estados Unidos. — Depois, olha para o envelope. — Isto é para mim. De ti. — Deito as mãos desesperadamente ao envelope, o que o apanha de surpresa. Lutamos por ela; tenho o canto da carta bem preso, mas ele não a solta. — Para, vais rasgá-la! — grita ele, forçando-me a largá-la.

Tento agarrar com mais força. Mas é tarde. Ele tem-na.

O Peter segura o envelope por cima da minha cabeça e abre-o e começa a ler. É uma tortura ficar ali à frente dele, esperando — porquê, não sei. Mais humilhação? Talvez devesse simplesmente ir embora. Ele lê tão devagar.

Quando finalmente acaba, pergunta:

— Porque não me ias dar isto? Porque te ias simplesmente embora?

— Porque, não sei, não parecias muito contente por me veres... — A minha voz fraca vai desaparecendo.

— Chama-se a isto fazer-se difícil! Estou à espera que me telefones, tontinha. Já lá vão seis dias.

Inspiro rapidamente:

— Oh!

— «Oh» — Puxa-me pelas lapelas do casaco, para junto dele, suficientemente perto para um beijo. Está tão próximo que vejo os novelos provocados pela sua respiração. Tão próximo que podia contar-lhe as pestanas, se quisesse. Em voz baixa, diz: — Então... ainda gostas de mim?

— Sim — sussurro. — Quer dizer, mais ou menos.

O meu ritmo cardíaco está rápido, rápido, rápido. Estou tonta. Será isto um sonho? Se é, que eu nunca acorde.

O Peter deita-me um olhar como que a dizer *Admite, sabes bem que gostas de mim*. Gosto, gosto. Depois, suavemente, diz:

— Acreditas que eu não disse às pessoas que fizemos sexo no passeio à neve?

— Acredito.

— Está bem — inspira. — Acon... aconteceu alguma coisa entre ti e o Sanderson depois de eu sair da tua casa naquela noite? — Ele está com ciúmes! Só de pensar nisso o meu coração rejubila. Começo a dizer-lhe que nem pensar, mas rapidamente ele diz: — Espera. Não me digas. Não quero saber.

— Não — digo eu firmemente para que ele saiba que estou a falar a sério. Anui com a cabeça, mas não diz nada.

Depois inclina-se para mim e eu fecho os olhos, o coração a vibrar-me no peito como as asas de um beija-flor. Tecnicamente, só nos beijámos quatro vezes, e só uma dessas vezes foi a sério. Gostava de passar imediatamente aos *finalmentes* para poder deixar de estar nervosa.

Mas o Peter não me beija, pelo menos da maneira que eu espero. Beija-me na face esquerda, e depois na direita; a sua respiração é quente. E depois nada. Os meus olhos abrem-se, de repente. Será que isto é uma despedida? Porque não beija como deve ser?

— O que estás a fazer? — sussurro.

— A saborear o momento.

Rapidamente digo:

— Vamos mas é beijar-nos.

Inclina a cabeça, a sua face roça na minha, e é então que a porta da frente se abre, e eis que vejo o Owen, o irmão mais novo do Peter, de braços cruzados. Afasto-me do Peter com um salto, como se tivesse descoberto que tem uma doença infecciosa incurável.

— A mãe quer que vocês entrem e tomem cidra — diz ele com ar de gozo.

— É só um minuto — diz o Peter, voltando a puxar-me para si.

— Ela disse já — diz o Owen.

Ó *meu Deus*. Deito um olhar de pânico ao Peter.

— É melhor eu ir andando antes que o meu pai comece a ficar preocupado...

Ele faz-me um gesto com o queixo na direção da porta.

— Entra só um minuto, e depois levo-te a casa. — Quando entro, tira-me o casaco e diz em voz baixa: — Ias mesmo a pé para casa com esse vestidinho? Ao frio?

— Não. Ia fazer-te sentir culpado e tu levavas-me — sussurro eu de volta.

— Que roupa é essa? — pergunta-me o Owen.

— É o que os coreanos usam no Dia de Ano Novo — explico.

A mãe do Peter sai da cozinha com duas tigelas fumegantes. Traz uma camisola comprida de caxemira apertada ligeiramente à volta da cintura, e chinelos feitos de malha grossa.

— É deslumbrante — diz ela. — Ficas linda, com todas essas cores.

— Obrigada — digo eu, sentindo-me embaraçada com os elogios.

Sentamo-nos os três na sala de estar; o Owen escapa-se para a cozinha. Ainda me sinto corada com o quase beijo e com o facto de a mãe do Peter provavelmente saber o que andamos a fazer. Também me questiono o que será que ela sabe sobre o que se tem passado entre nós e o que é que ele lhe disse, se é que lhe disse alguma coisa.

— Como foi o teu Natal, Lara Jean? — pergunta a mãe dele.

Sopro para dentro da minha tigela.

— Foi muito bom. O meu pai deu um cachorrinho à minha irmã e andamos a disputar quem é que anda com ele. E a minha irmã mais velha ainda não voltou para a universidade, ainda está em casa, o que também é bom. Como foi o seu Natal, Sra. Kavinsky?

— Ah, foi bom. Sossegado. — Aponta para os chinelos. — O Owen comprou-me isto. Como foi a festa de Natal? As tuas irmãs gostaram dos bolos de fruta que o Peter fez? Para dizer a verdade, não os suporto.

Surpreendida, olho para o Peter, que está subitamente muito ocupado com o telemóvel.

— Tinhas-me dito que tinha sido a tua mãe a fazê-los.

A mãe esboça um sorriso orgulhoso.

— Ai, não. Foi ele que fez tudo sozinho. Estava muito determinado.

— Sabiam mesmo mal! — grita o Owen da cozinha.

A mãe ri-se outra vez, e depois fica tudo em silêncio. A minha mente entra em ebulição, tentando arranjar potenciais assuntos de conversa. Resoluções para o Ano Novo, talvez? A tempestade de neve que parece iminente para a semana? O Peter não ajuda nada; está a olhar para o telemóvel outra vez. Ela levanta-se.

— Gostei de te ver, Lara Jean. Peter, não a faças ficar até muito tarde.

— Sim, mãe. — E diz-me: — Volto já; deixa-me só ir buscar as minhas chaves.

Quando ele sai, digo:

— Desculpe eu vir assim inesperadamente no Dia de Ano Novo. Espero não ter interrompido nada.

— És bem-vinda a minha casa a qualquer hora. — Inclina-se para a frente e põe a mão no meu joelho. Com um olhar intenso, diz: — A única coisa que te peço é que tenhas cuidado com o coração dele.

Sinto um aperto no estômago. Será que o Peter lhe contou o que aconteceu entre nós?

Dá-me uma palmadinha no joelho e levanta-se.

— Boa noite, Lara Jean.

— Boa noite — ecoo eu.

Apesar do seu sorriso bondoso, sinto que acabei de me meter em sarilhos. Houve um toque de repreensão na sua voz — sei que o ouvi. *Não faça mal ao meu filho*, é o que ela me disse. O Peter ficou muito abalado com o que aconteceu entre nós? Não deixou transparecer isso. Irritado, talvez um pouco magoado. De certeza que não ficou tão magoado que foi falar com a mãe sobre o assunto. Nem quero pensar que posso já ter causado má impressão ainda antes de o Peter e eu termos começado a andar juntos.

Está escuro como breu, poucas estrelas no céu. Acho que, não tarda, pode nevar outra vez. Na minha casa, todas as luzes estão acesas no andar de baixo, e a luz da Margot está acesa lá em cima. Do outro lado da rua, vejo a árvore de Natal da Sra. Rothschild iluminada junto da janela.

O Peter e eu estamos quentes e confortáveis dentro do carro dele. As saídas de ar libertam calor. Pergunto-lhe:

— Contaste à tua mãe sobre termos acabado?

— Não. Porque nunca acabámos — diz ele, diminuindo o calor.

— Não acabámos?

Ri-se.

— Não, porque nunca chegámos a estar juntos, lembra-te?

E agora, estamos juntos? É o que pergunto a mim própria, mas não lhe pergunto porque me abraça e inclina a minha cabeça na direção da dele, e estou nervosa outra vez.

— Não estejas nervosa — diz ele.

Dou-lhe um beijo rápido para provar que não estou.

— Beija-me para provares que tiveste saudades minhas — diz ele, e a voz fica rouca.

— Tive — digo eu. — A minha carta disse-te que tive.

— Sim, mas...

Beijo-o antes que consiga acabar. Como deve ser. Com paixão. Ele beija-me da mesma forma. Como se tivessem passado quatrocentos anos. E depois deixo de conseguir pensar e fico apenas perdida nos beijos.

capítulo 3

DEPOIS DE O PETER ME DEIXAR À PORTA de casa, corro para dentro para contar tudo à Margot e à Kitty, sentindo-me ansiosa por deitar tudo cá para fora.

A Kitty está deitada no sofá grande, a ver televisão com o *Jamie Fox-Pickle* no colo, e levanta-se atabalhoadamente quando entro pela porta dentro. Com voz baixa diz:

— A Gogo está a chorar.

O meu entusiasmo desaparece de imediato.

— O quê! Porquê?

— Acho que foi a casa do Josh e a conversa não correu bem. Devias ir vê-la.

Oh, não. Não era assim que devia ser. Deviam voltar a ficar juntos, como o Peter e eu.

A Kitty instala-se novamente no sofá, com o comando na mão e o seu dever fraternal cumprido.

— Como correu com o Peter?

— Correu muito bem — digo eu. — Excelente. — Aflora-me um sorriso à cara sem que eu sequer o quisesse, mas disfarço-o rapidamente, por respeito pela Margot.

Vou à cozinha e faço um chá de boas-noites para a Margot, com duas colheres de mel, que a mãe costumava fazer para nós antes de irmos para a cama. Por instantes pondero acrescentar uma gota de uísque porque vi num programa sobre a época vitoriana na PBS que as criadas punham uísque na bebida quente da senhora para lhe acalmar os nervos. Sei que a Margot bebe na universidade, mas já está com ressaca e, além disso, tenho dúvidas de que o papá achasse bem. Por isso, ponho só chá, *sans uísque*, na minha caneca preferida, e mando a Kitty lá acima com ela. Digo-lhe para agir adoravelmente. Digo-lhe que deve primeiro dar o chá à Margot e depois aninhar-se com ela durante, pelo menos, cinco minutos, o que a Kitty recusa porque a Kitty só se aninha

com alguém se tiver alguma coisa a ganhar com isso, e também porque a assusta ver a Margot abalada.

— Levo-lhe só o *Jamie* para se aninhar com ela — diz a Kitty.

Egoísta!

Quando vou ao quarto da Margot com uma torrada com manteiga e canela, não vejo sinais da Kitty nem do *Jamie*. A Margot está enroscada de lado a chorar.

— Acabou, Lara Jean — sussurra ela. — Já estava acabado, mas agora sei que acabou para sempre. P-pensei que se eu quisesse que voltássemos, ele também ia querer, mas não q-quer.

Enrosco-me ao lado dela, com a testa encostada às costas dela. Sinto tudo de cada vez que ela respira. Chora para a almofada, e eu afago-lhe as omoplatas como ela gosta. É importante dizer que a Margot nunca chora, por isso, quando a vejo chorar é como se o meu mundo e esta casa saíssem dos eixos. Tudo parece estar fora do sítio, de alguma maneira.

— Ele diz que a distância é de-demasiado difícil, que fiz bem em romper com ele. Tive tantas saudades dele, mas parece que ele não teve saudades minhas.

Mordo o lábio sentindo-me culpada. Fui eu que a encorajei a falar com o Josh. Isto é, em parte, culpa minha.

— Margot, ele teve saudades tuas. Teve muitas. Eu olhava pela janela na aula de Francês e via-o lá fora a almoçar na bancada sozinho. Era deprimente.

Funga.

— A sério?

— *Sim*.

Não compreendo o que se passa com o Josh. Ele agia como se estivesse completamente apaixonado por ela; quase entrou em depressão quando ela partiu. E agora tem esta reação?

Suspirando, ela diz:

— Acho... acho que continuo a amá-lo.

— Achas? — *Amar*. A Margot disse «amar». Acho que nunca a ouvi dizer que amava o Josh antes disto. Talvez «apaixonada», mas nunca «amar».

A Margot enxuga os olhos com o lençol.

— A razão por que rompi com ele foi para não ser uma dessas miúdas que chora por causa do namorado, e agora tornei-me exatamente nisso. É patético.

— És a pessoa menos patética que conheço, Gogo — digo-lhe eu.

A Margot deixa de fungar, vira-se e ficamos as duas cara a cara. Franzindo-me o sobrolho, ela diz:

— Eu não disse que *eu* era patética. Disse que chorar por causa de um rapaz é que era.

— Ah — digo eu. — Bem. Continuo a não achar que seja patético chorar por causa de uma pessoa. Só significa que nos importamos profundamente com essa pessoa e que ficamos tristes.

— Já chorei tanto que sinto que os meus olhos parecem... passas. Parecem? — A Margot semicerra-me os olhos.

— Estão inchados — admito. — Os teus olhos não estão habituados a chorar. Tenho uma ideia! — Salto da cama e corro para o andar de baixo até à cozinha. Encho uma tigela com gelo, ponho duas colheres lá dentro e volto para cima a correr.

— Deita-te — ordeno e a Margot obedece. — Fecha os olhos. — Ponho uma colher em cima de cada olho.

— Isso funciona mesmo?

— Li numa revista.

Quando as colheres aquecem sobre a pele dela, volto a metê-las no gelo e depois na cara dela, repetindo várias vezes. Ela pede-me para lhe contar o que aconteceu com o Peter, e conto-lhe, mas deixo de fora todos os beijos porque me parece de mau gosto perante o desgosto dela. Ela senta-se e diz:

— Não tens de fingir gostar do Peter só para me poupar. — A Margot engole como se lhe doesse a garganta. — Se houver alguma parte de ti que ainda gosta do Josh... se ele gostar de ti... — Abro a boca horrorizada. Abro a boca para o negar, para dizer que parece que já foi há uma eternidade, mas ela silencia-me com a mão. — Seria mesmo difícil mas eu nunca seria um obstáculo, sabes? Estou a falar a sério, Lara Jean. Podes dizer-me.

Fico tão aliviada, tão grata por ela abordar o assunto. Apresso-me a dizer:

— Ó meu Deus, não gosto do Josh, Gogo. Pelo menos não dessa maneira. Absolutamente nada. E ele também não gosta de mim dessa maneira. Acho... acho que ambos tínhamos apenas saudades tuas. É do Peter que eu gosto. — Debaixo dos cobertores procuro a mão da Margot e engancho o meu dedo mindinho no dela. — Juramento de irmãs.

Engole com dificuldade.

— Então, acho que não há nenhuma razão secreta para ele não querer ficar comigo. É simplesmente porque ele já não quer estar comigo.

— Não, é simplesmente porque tu estás na Escócia e ele está na Virgínia e é muito complicado. Foste prudente em terminar tudo naquela altura. Prudente e corajosa, e tinhas razão.

A dúvida instala-se-lhe no rosto como uma nuvem escura, mas depois abana a cabeça e a sua expressão aclara-se.

— Já chega de falarmos de mim e do Josh. Somos história. Fala-me mais do Peter. Por favor. Vai fazer-me sentir melhor.

Volta a deitar-se e volta a pôr-lhe as colheres nos olhos.

— Bem, esta noite, no começo, ele foi muito frio comigo, muito indiferente...

— Não, conta-me desde o princípio.

Por isso, vou ainda mais atrás: conto-lhe da nossa relação a fingir, do *jacuzzi*, tudo. De vez em quando tira as colheres para olhar para mim à medida que lhe vou contando. Mas não tarda muito os olhos dela parecem mesmo menos inchados. E sinto-me mais leve — inebriada até. Guardei estas coisas em segredo durante meses, para ela não saber, e agora que sabe tudo o que aconteceu desde que se foi embora, sinto-me outra vez próxima dela. É impossível sentirmo-nos verdadeiramente próximos de alguém quando há segredos pelo meio.

A Margot pigarreja. Hesita e depois pergunta:

— Então e como são os beijos dele?

Coro. Bato levemente com os dedos nos lábios antes de dizer:

— Beija como... Olha, podia ganhar a vida a beijar.

A Margot ri-se baixinho e levanta a colher dos olhos.

— Como um gigolô?

Pego numa das colheres e bato-lhe levemente na testa com ela como se fosse um gongo.

— Ai! — Tenta pegar na outra colher, mas eu sou mais rápida e fico com as duas. Rimos à gargalhada enquanto eu tento bater-lhe outra vez na testa.

— Margot... doeu quando fizeste sexo? — Tenho o cuidado de não mencionar o nome do Josh. É estranho porque a Margot e eu nunca falámos a sério de sexo antes, porque nenhuma de nós tinha um ponto de referência. Mas agora ela tem e eu não, e quero saber o que ela sabe.

— Mmm. Quer dizer, as primeiras vezes, um pouco. — Agora é ela que está a corar. — Lara Jean, não posso falar disto contigo. É demasiado estranho. Não podes perguntar à Chris?

— Não, quero que sejas tu. Por favor, Gogo. Tens de me dizer tudo sobre isso para eu ficar a saber. Não quero parecer mal quando o fizer pela primeira vez.

— Não é que o Josh e eu tenhamos tido sexo centenas de vezes! Não sou perita. Só o fiz com ele. Mas se estás a pensar em fazer sexo com o Peter, tem cuidado e usa um preservativo e isso tudo. — Anuo com a cabeça rapidamente. É agora que ela vai chegar às coisas boas. — E tens de ter a certeza, a certeza absoluta. E faz com que ele seja muito gentil e carinhoso contigo, para que seja especial e uma coisa para a qual podes olhar para trás com carinho.

— Percebo. Então, quanto tempo durou desde o começo até que acabou?

— Não durou muito. Não te esqueças que também era a primeira vez para o Josh. — Ela parece triste. Agora também me sinto triste. O Peter já o fez com a Genevieve tantas vezes que provavelmente já é perito. Eu provavelmente até vou ter um orgasmo da primeira vez. O que é ótimo, mas podia ser bom se, tal como eu, ele também não soubesse o que estava a fazer.

— Não te arrependes, pois não?

— Não. Acho que não. Acho que vou sempre ficar grata por ter sido com o Josh. Não importa como acabou.

Para mim é um alívio que mesmo agora, com olhos vermelhos de chorar, a Margot não esteja arrependida de ter amado o Josh.

Durmo no quarto dela nessa noite como nos velhos tempos, aninhada ao seu lado debaixo da colcha. O quarto da Margot é o mais frio porque fica por cima da garagem. Oiço o aquecimento ligar e desligar.

No escuro, ao meu lado, ela diz:

— Vou namorar uma data de escoceses quando voltar para as aulas. Quando é que terei outra oportunidade como esta, não é?

Rio-me baixinho e viro-me para ficarmos cara a cara.

— Não, espera; não namores com uma data de escoceses. Namora com um de Inglaterra, um da Irlanda, um da Escócia. E de Gales! Assim dás a volta ao Império Britânico!

— Bom, eu até vou para lá estudar antropologia — diz a Margot, e rimo-nos mais um pouco. — Sabes qual é a parte mais triste? O Josh e eu nunca mais seremos amigos como dantes. Depois disto, não seremos. Essa parte acabou. Ele era o meu melhor amigo.

Deito-lhe um olhar magoado a fingir para aligeirar o ambiente, para ela não começar a chorar outra vez.

— Ei, pensei que a tua melhor amiga era eu!

— Tu não és a minha melhor amiga. És a minha irmã, o que é muito mais.

É mesmo.

— O Josh e eu começámos de maneira tão leve e divertida e agora parecemos estranhos. Nunca mais vou ter de volta aquela pessoa que eu conhecia melhor do que ninguém e que me conhecia tão bem.

Sinto um aperto no coração. Quando ela o diz desta forma, é muito triste.

— Podem tornar-se amigos outra vez, depois de passar algum tempo. — Mas não seria a mesma coisa. Eu sei disso. Existiria sempre a nostalgia do passado. Ficaria sempre um pouco... aquém.

— Mas não vai ser como antes.

— Não — concordo. — Penso que não.

Estranhamente, penso na Genevieve e no que representávamos uma para a outra. A nossa relação fazia sentido quando éramos crianças, mas nem tanto agora que somos mais velhas. Talvez não nos possamos agarrar às coisas antigas só por agarrar.

É o fim de uma era. Acabou-se a Margot e o Josh. Desta vez, a sério. É a sério porque a Margot está a chorar e porque sinto na sua voz que acabou. Desta vez ambas sabemos. As coisas mudaram.

— Não deixes que o mesmo te aconteça a ti, Lara Jean. Não deixes as coisas ficarem tão sérias que não possam voltar a ser o que eram. Apaixona-te pelo Peter se quiseres, mas tem cuidado com o teu coração. As coisas parecem ser para sempre, mas não são. O amor pode ir embora, ou mesmo as pessoas, mesmo sem quererem. Não há nada garantido.

Engulo em seco.

— Prometo que vou ter cuidado. — Mas nem sequer tenho a certeza do que isso quer dizer. Como posso ter cuidado quando já gosto tanto dele?

capítulo 4

A MARGOT SAIU E FOI COMPRAR UMAS BOTAS novas com uma amiga, a Casey, o papá está no trabalho e a Kitty e eu estamos a preguiçar, vendo televisão quando o meu telemóvel vibra ao meu lado. É uma mensagem do Peter. Cinema logo à noite? Respondo a dizer que sim, com ponto de exclamação. Depois apago o ponto de exclamação para não parecer demasiado ansiosa. Mas sem o ponto de exclamação, o sim parece tão pouco entusiástico. Fico-me por um *smiley* e carrego em enviar antes de continuar com esta análise obsessiva.

— A quem estás a mandar mensagens? — A Kitty está esparramada no chão da sala, a comer pudim. O *Jamie* tenta lambe-lhe a colher, mas ela abana a cabeça e ralha:

— Tu sabes que não podes comer chocolate!

— Estava a mandar uma mensagem ao Peter. Sabes que isso pode nem sequer ser chocolate verdadeiro. Pode ser uma imitação. Vai ver o rótulo.

De todas nós, a Kitty é a mais firme com o *Jamie*. Não pega nele imediatamente quando está a pedir colo; borri-fa-o na cara com água quando ele se porta mal. Tudo truques que ela aprende com a nossa vizinha da frente, a Sra. Rothschild, que parece ser uma encantadora de cães. Ela tinha três cães, mas quando se divorciou do marido ficou com o *Simon*, o *labrador*, e ele ficou com a custódia dos outros dois.

— O Peter já é teu namorado outra vez? — pergunta a Kitty.

— Hum. Não tenho a certeza. — Depois do que a Margot disse na noite passada sobre ir com calma, ter cuidado com o meu coração e não chegar a um ponto sem retorno, talvez seja bom deixar as coisas em águas de bacalhau por uns tempos. Além disso, é difícil redefinir uma coisa que nunca teve uma verdadeira definição, para começar. Éramos duas pessoas fingindo gostar uma da outra, fingindo ser um casal, por isso, agora o que somos? E como poderia ter-se desenrolado se tivéssemos começado a gostar um do outro sem fingimento? Teríamos algum dia sido um casal? Acho que nunca saberemos.

— Como assim, não tens a certeza? — pressiona a Kitty. — Não devias saber se és a namorada de alguém ou não?

— Ainda não discutimos isso. Quer dizer, não explicitamente.

A Kitty muda de canal.

— Devias ver bem isso.

Viro-me de lado e apoio-me no cotovelo:

— Mas será que isso ia mudar alguma coisa? Quer dizer, gostamos um do outro. Qual é a diferença entre isso e o rótulo? O que mudaria?

— A Kitty não responde. — Está aí alguém?

— Desculpa, podes dizer isso outra vez no intervalo? Estou a tentar ver o meu programa.

Atiro-lhe uma almofada à cabeça.

— Mais vale discutir estas coisas com o *Jamie*. — Bato palmas.

— Anda cá, *Jamie*!

O *Jamie* levanta a cabeça, olha para mim e depois volta a deitar-se, aninhado ao lado da Kitty, ainda à espera do pudim, tenho a certeza.

No carro, ontem à noite, o Peter não pareceu preocupado com o estatuto da nossa relação. Parecia feliz e despreocupado como sempre. Sou decididamente uma pessoa que se preocupa demasiado com todas as ninharias. Fazia-me bem um pouco da filosofia «deixa andar» do Peter.

— Queres ajudar-me a escolher o que vou vestir para ir ao cinema com o Peter logo à noite? — pergunto à Kitty.

— Também posso ir?

— Não! — A Kitty começa a amuar e eu emendo: — Talvez da próxima vez.

— Está bem. Mostra-me duas opções e eu digo-te qual é a melhor.

Corro pelas escadas acima para o meu quarto e começo a dar volta ao meu armário. Esta vai ser a nossa primeira saída a sério, quero surpreendê-lo um pouco. Mas infelizmente o Peter já me viu com a minha melhor roupa, por isso, o melhor a fazer é ir ao roupeiro da Margot. Ela trouxe da Escócia um vestido de malha creme que posso usar com *collants* e as minhas botas castanhas. Também pode ser a camisola de lã azul que tenho andado a namorar; posso usá-la com a minha saia amarela e uma fita amarela no cabelo, que vou encaracolar, porque o Peter um dia me disse que gostava dele encaracolado.

— Kitty! — grito eu. — Vem cá acima ver as minhas duas opções!

— No intervalo! — grita-me ela em resposta.

Entretanto, mando uma mensagem à Margot:

Posso usar a tua camisola de lã azul ou o teu vestido de malha creme??

Oui.

A Kitty vota na camisola de lã azul, dizendo que parece que estou com uma roupa de fazer patinagem no gelo e eu gosto da maneira como soa.

— Podes usá-la se formos fazer patinagem no gelo — diz ela. — Tu, eu e o Peter.

Rio-me.

— Está bem.

capítulo 5

O PETER E EU ESTAMOS NA FILA para comprar pipocas no cinema. Mesmo esta coisa trivial parece a melhor coisa trivial que já me aconteceu. Meto a mão no bolso para verificar se ainda tenho o canhoto do bilhete. Vou querer guardá-lo.

Olhando para cima, para o Peter, sussurro:

— É a primeira vez que saio com um namorado.

Sinto-me como a marrona do filme que apanha o tipo mais cobiçado da escola, e não me importo nada. Nem um bocadinho.

— Como é que esta é a tua primeira vez quando já saímos tantas vezes?

— É a minha primeira vez a *sério*. As outras vezes foram a brincar; agora é a sério.

Ele franze o sobrolho.

— Ah, espera, isto é a sério? Não tinha dado conta.

Faço o gesto de lhe bater no ombro, e ele ri-se e agarra-me a mão, entrelaçando os meus dedos nos dele. Parece que sinto o coração a bater até nas pontas dos dedos. É a primeira vez que damos as mãos a sério, e a sensação é diferente das outras vezes. Parece uma corrente elétrica, mas é uma sensação boa. Sublime.

Estamos a avançar na fila e dou conta de que estou nervosa, o que é estranho, porque este é o Peter. Mas ele também é um Peter diferente, e eu sou uma Lara Jean diferente, porque isto é uma saída, um verdadeiro encontro amoroso. Só para arranjar tópico de conversa, pergunto:

— Então, quando vais ao cinema gostas mais de chocolate ou de gomas?

— Nem uma coisa nem outra. Só como pipocas.

— Então estamos condenados, porque tu não gostas de uma coisa nem outra e eu gosto de qualquer uma das duas ou de todas as acima mencionadas.

Chegamos à caixa e eu começo à pesca na minha carteira.

O Peter ri-se.

— Achas que eu vou fazer uma miúda pagar no seu primeiro encontro? — Enche o peito e diz ao caixa: — Pode dar-me um pacote médio de pipocas com manteiga? E um cartucho de gomas e uma caixa de caramelos. E uma *Coca-Cola* com sabor a cereja.

— Como é que sabias que era isso que eu queria?

— Presto mais atenção do que pensas, Covey. — O Peter põe o seu braço sobre os meus ombros com um sorriso de autossatisfação e toca-me acidentalmente no seio direito.

— Oh!

Ri-se com um riso embaraçado.

— Desculpa. Estás bem?

Dou-lhe uma cotovelada de lado e ele ainda está a rir quando entramos no cinema, momento em que vemos a Genevieve e a Emily a sair da casa de banho das senhoras. A última vez que vi a Genevieve estava ela a dizer a toda a gente, no autocarro da viagem à neve, que o Peter e eu tínhamos feito sexo no *jacuzzi*. Sinto-me invadida por sentimentos mistos de pânico, de lutar ou fugir.

O Peter desacelera o passo um pouco por instantes, e eu não tenho a certeza do que vai acontecer. Devemos aproximarmo-nos delas e dizer olá? O abraço dele torna-se mais forte e sinto que também ele hesita. Está indeciso.

A Genevieve resolve a questão por todos. Entra na sala como se não nos tivesse visto. Na mesma para onde nós vamos. Não olho para o Peter, e ele também não diz nada. Será que vamos fingir que ela não está cá? Ele conduz-me pelas mesmas portas e escolhe os nossos lugares, do lado esquerdo, quase atrás. A Genevieve e a Emily estão sentadas no meio. Vejo-lhe a cabeça loira, a parte de trás do seu casaco comprido cinzento. Forço-me a desviar o olhar. Se a Gen se virar, não quero que me apanhe a olhar para ela.

Sentamo-nos e tiro o casaco para me instalar confortavelmente no meu lugar, quando o telemóvel do Peter vibra. Tira-o do bolso e depois volta a arrumá-lo e eu sei que era a Gen, mas sinto que não posso perguntar. A presença dela estragou a noite. Deixou nela duas marcas de dentes de vampiro.

As luzes enfraquecem e o Peter rodeia-me com o braço. Pergunto a mim própria se ele irá mantê-lo ali todo o filme? Sinto-me desconfortável e tento respirar regularmente. Ele sussurra-me ao ouvido:

— Relaxa, Covey.

Estou a tentar, mas é quase impossível relaxar por decreto nestas circunstâncias. O Peter aperta-me o ombro, inclina-se e encosta o nariz ao meu pescoço.

— Cheiras bem — diz ele em voz baixa.

Rio-me, um pouco alto demais, e o homem sentado à nossa frente vira-se de repente e fuzila-me com os olhos. Constrangida, digo ao Peter:

— Desculpa, tenho imensas cócegas.

— Não te preocupes — diz ele, mantendo o braço à minha volta.

Sorriso e aceno que sim com a cabeça, mas fico a pensar — será que ele espera que façamos coisas durante o filme? Terá sido por isso que escolheu lugares mais atrás quando ainda havia lugares vagos a meio da sala? Cresce o pânico dentro de mim. A Genevieve está cá! E há outras pessoas também! Posso tê-lo beijado num *jacuzzi*, mas não havia ninguém por perto. Além disso, acontece que quero ver o filme. Inclino-me para a frente e bebo um pouco de Cola para me poder subtilmente afastar dele.

Depois do filme é como se tivéssemos um pacto implícito para nos esgueirarmos dali para não esbarrarmos na Genevieve outra vez. Saímos disparados da sala como se estivéssemos a fugir do próprio demónio — o que em parte era verdade. O Peter tem fome, mas eu estou demasiado cheia das porcarias que comi para jantar a sério. Por isso, sugiro que vamos a um *snack-bar* e depois debico umas batatas fritas que ele pediu. Mas o Peter diz:

— Acho que devemos ir a um restaurante já que esta é a primeira vez que saís com um namorado.

— Não sabia que tinhas um lado tão romântico — digo eu como se fosse uma brincadeira, mas estou a falar a sério.

— Vai-te habituando — gaba-se ele. — Sei como tratar uma miúda.

Ele leva-me ao Biscuit Soul Food — o seu restaurante preferido, diz ele. Observo-o a devorar frango frito com mel quente e Tabasco espalhado por cima, e pergunto-me quantas vezes a Genevieve ficou sentada a observá-lo a fazer a mesma coisa. A nossa cidade não é assim muito grande. Não há muitos lugares onde possamos ir aos quais ele não tenha já ido com a Genevieve. Quando me levanto para ir à casa de banho, surge-me a dúvida se ele está a mandar-lhe uma mensagem de volta, mas forço-me a afastar esta ideia da cabeça logo de seguida. E se lhe escrever de volta? Ainda são amigos. Pode fazê-lo. Não vou deixar que a Gen me dê cabo da noite. Quero estar aqui, neste momento, só nós os dois, na nossa primeira saída.

Quando volto a sentar-me o Peter já acabou o frango frito e tem um monte de guardanapos sujos à frente. Tem o hábito de limpar os dedos de cada vez que dá uma dentada. Tem mel no rosto e umas migalhas de pão lá coladas, mas não lho digo porque acho engraçado.

— Então, como foi a tua primeira saída? — pergunta-me o Peter, esticando-se para trás na cadeira. — Conta-me como se eu fosse outra pessoa.

— Gostei que soubesses que tipo de comida eu gosto de comer no cinema. — Diz que sim com a cabeça encorajando-me a prosseguir. — E... gostei do filme.

— Pois, deu para perceber. Estavas sempre a mandar-me calar e a apontar para o ecrã.

— O homem à nossa frente estava a ficar furioso. — Hesito. Não tenho a certeza se devo dizer o que vem a seguir, aquilo que pensei toda a noite. — Não sei... é de mim ou...

Inclina-se para ficar mais perto e agora está a ouvir:

— O quê?

Respiro fundo.

— Não achas que é um pouco estranho? Quer dizer, primeiro estávamos a fingir, e depois não estávamos, e depois discutimos e agora aqui estamos nós e tu estás comer frango frito. É como se tivéssemos feito tudo na ordem errada, e é bom, mas está... mesmo assim, ao contrário.

E, além disso, estavas a tentar apalpar-me durante o filme?

— Suponho que sim, que seja um pouco bizarro — admite ele.

Bebo um pouco do meu chá, aliviada por ele não pensar que sou estranha por levantar a questão da estranheza.

Dá-me um sorriso largo.

— Talvez o que precisamos seja de um contrato novo.

Não percebo se está a brincar ou a falar a sério, por isso, brinco também.

— E o que constaria desse contrato?

— Assim de repente... acho que teria de te telefonar todas as noites antes de ir para a cama. Tu concordavas em ir a todos os meus jogos de *lacrosse*. A alguns treinos, também. Eu teria de ir a tua casa jantar. Tu terias de vir a festas comigo.

Faço uma careta à parte das festas.

— Vamos só fazer as coisas que queremos fazer. Como antes. — De repente, oiço a voz da Margot na minha cabeça. — Vamos... vamos divertir-nos.

Acena que sim com a cabeça, e agora quem parece aliviado é ele.

— Isso!

Gosto que ele não leve as coisas demasiado a sério. Noutras pessoas, isso pode ser irritante, mas nele não. É uma das suas melhores qualidades, acho eu. Isso e o seu rosto. Podia ficar a olhar para ele o dia todo. Bebo chá por uma palhinha e olho para ele. Um contrato até podia ser bom para nós. Podia ajudar-nos a evitar problemas e a manter-nos responsáveis. Acho que a Margot ficaria orgulhosa de mim por isto.

Tiro um pequeno bloco de notas da carteira e uma caneta. Escrevo *O Novo Contrato de Lara Jean e de Peter* ao cimo da página.

Na primeira linha, escrevo: *O Peter será pontual.*

O Peter estica o pescoço para tentar ler ao contrário.

— Espera. Diz aí: «O Peter será pontual?»

— Se disseres que vais estar em determinado sítio, então não te baldes.

O Peter franze o sobrolho.

— Não apareci *uma vez* e tu guardas ressentimento...

— Mas chegas sempre atrasado.

— Isso não é o mesmo que baldar-me!

— Chegar sempre atrasado mostra falta de respeito pela pessoa que está à espera.

— Eu respeito-te! Respeito-te mais do que a qualquer outra miúda que conheço.

Aponto-lhe o dedo:

— Miúda? Apenas «miúda»? Que rapaz respeitas mais do que a mim?

O Peter deita a cabeça para trás e geme tão alto que é um rugido. Estendo a mão por cima da mesa, por cima da comida, agarro-o pelo colarinho e beijo-o antes de podermos discutir outra vez. Embora eu tenha de dizer que é este tipo de discussão, de tipo quezilento, não do tipo que magoa os sentimentos, que nos faz sentir nós próprios pela primeira vez em toda a noite.

É isto que decidimos:

O Peter não chegará atrasado mais de cinco minutos.

A Lara Jean não obrigará o Peter a fazer trabalhos manuais de qualquer espécie.

O Peter não tem de telefonar à Lara Jean antes de ir para a cama à noite, mas pode fazê-lo se quiser.

A Lara Jean só irá a festas se lhe apetecer.

O Peter dará boleia à Lara Jean sempre que ela quiser.

A Lara Jean e o Peter dirão sempre a verdade um ao outro.

E há uma coisa que quero acrescentar ao contrato, mas receio abordar o assunto, agora que as coisas estão a correr tão bem.

O Peter pode continuar a ser amigo da Genevieve, desde que seja honesto com a Lara Jean sobre o assunto.

Ou talvez assim: *O Peter não mentirá à Lara Jean sobre a Genevieve.* Mas isso é redundante porque já temos a regra de dizer sempre a verdade um ao outro. Uma regra dessas não seria verdade, de qualquer maneira. O que quero mesmo dizer é: *O Peter vai sempre pôr a Lara Jean acima da Genevieve.* Mas não posso dizer isso. Claro que não. Não sei grande coisa sobre namoros, nem sobre rapazes, mas o que sei é que os ciúmes criados pela insegurança são muito chatos.

Por isso, mordo a língua; não digo o que estou a pensar. Só há uma coisa, uma coisa mesmo importante, que quero dizer para ter a certeza.

— Peter?

— Diz?

— Não quero que nos magoemos um ao outro.

O Peter ri-se; acaricia-me o rosto com a mão.

— Estás a planejar magoar-me, Covey?

— Não. E tenho a certeza de que não estás a planejar magoar-me a mim. Ninguém planeia essas coisas.

— Então, põe isso no contrato. O Peter e a Lara Jean prometem não se magoar um ao outro.

Olho radiante para ele, aliviada com tudo, e depois escrevo. *A Lara Jean e o Peter não se magoarão um ao outro.*

Lara Jean sempre teve uma vida amorosa muito atribulada, pelo menos na sua imaginação. Ela jamais imaginou que as cartas que escreveu a despedir-se dos rapazes por quem se apaixonou, mas a quem nunca teve coragem de confessar o seu amor, chegassem às mãos dos seus destinatários. E por causa disso meteu-se numa grande confusão. Para escapar à vergonha, começou um namoro a fingir com Peter Kavinsky.

Lara nunca esperou apaixonar-se a sério por Peter. E por isso está mais confusa do que nunca.

Agora, ela terá de aprender a estar num relacionamento que, pela primeira vez, é verdadeiro. Porém, quando um outro rapaz do seu passado reaparece na sua vida, Lara percebe que também nutre por ele sentimentos mais profundos. Será possível uma rapariga estar apaixonada por dois rapazes ao mesmo tempo?

Uma história delicada e encantadora, que nos mostra que o amor não é fácil, mas que é por isso mesmo que é tão fascinante apaixonarmo-nos.

«Uma história envolvente sobre amadurecimento e o primeiro amor.»

Kirkus Reviews

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-77-0



9 789898 800770

Romance contemporâneo